



Tempestades em Portugal: A Falência do Estado e a Indústria da Desgraça

Publicado em 2026-02-02 20:47:51



BOX DE FACTOS

- Tempestades sucessivas desde o início de Janeiro.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

semanas.

- Populações vulneráveis sem protecção efectiva.
- Ausência de mobilização estrutural das Forças Armadas.

Tempestades em Portugal: A Falência do Estado e a Indústria da Desgraça

Num país a sério, a calamidade chama soldados. Em Portugal, chama assessores, powerpoints e pacotes para anunciar.

Portugal não enfrenta uma tempestade. Enfrenta **um colapso de governação em contexto de emergência**.

Desde o início de Janeiro, o centro do país vive numa sucessão contínua de eventos extremos: casas destruídas, telhados arrancados, infraestruturas danificadas, populações expostas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Num Estado funcional, a calamidade activa automaticamente os meios de soberania: as Forças Armadas.

Não para cerimónias. Não para discursos. Mas para trabalho físico, imediato, duro: engenharia militar, reconstrução provisória, proteção de pessoas e bens, presença no terreno.

Em Portugal, o Exército ficou nos quartéis. Como se a calamidade fosse um incómodo político, e não uma obrigação constitucional.

Isto não é um lapso. É uma escolha.

A política do cheque sobre os escombros

O Governo respondeu como sempre responde à desgraça: com dinheiro anunciado.

Pacotes. Verbas. Linhas. Fundos. Promessas futuras.

Mas o dinheiro não substitui acção. Não tapa telhados. Não retira árvores. Não reconstrói paredes. Não protege idosos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal desenvolveu um modelo perverso: a calamidade como oportunidade política.

Primeiro abandona-se o terreno. Depois anuncia-se dinheiro. Mais tarde distribuem-se culpas. E no fim faz-se um balanço retórico.

Entretanto, as pessoas vivem semanas — ou meses — em emergência permanente.

Este modelo não falha por acaso. Funciona exactamente como foi concebido: **ninguém responde, ninguém assume, ninguém paga o preço.**

O abandono como método de governação

As medidas surgem aos soluços. Fragmentadas. Tardias. Desligadas do terreno.

Os autarcas improvisam. As populações desenrascam-se. A solidariedade substitui o Estado.

E o Governo surge apenas para declarar que “está atento”.

Estar atento não é governar. É observar o fracasso à distância.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

domínio da irresponsabilidade histórica.

Um Estado que não protege os seus cidadãos em calamidade não é apenas ineficaz — **é ilegítimo**.

Portugal não precisa de mais pacotes financeiros. Precisa de presença. De comando. De decisão. De botas no terreno.

Porque quando o Estado falha no momento crítico, o que resta não é governação — é abandono institucionalizado.

Francisco Gonçalves

Co-autoria de Augustus Veritas

Fragmentos do Caos — onde a desgraça não é tratada como orçamento.

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)



Fragmentos do Caos:


[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)